



Opinião Econômica

Michael França

Ciclista, vencedor do Prêmio Jabuti Acadêmico, economista pela USP e pesquisador do Insper. Foi visiting scholar nas universidades da Columbia e Stanford

banrisul

Concentração de riqueza afeta o crescimento?

Engordar fortunas individuais não garante o futuro coletivo

Se a riqueza acumulada por alguns fosse o motor do progresso, as décadas que estamos vivendo poderiam ser vistas como a época de ouro do capitalismo. Nunca houve tantos bilionários e nunca o dinheiro esteve tão concentrado no topo. E, ainda assim, a promessa de que a prosperidade escorreria para todos não tem se cumprido. O que as evidências mostram é que, quando aquilo que se convencionou chamar de riqueza se acumula demais nas mãos de poucos, o crescimento perde força.

Pense nisto por um instante. O que acontece quando só uma parte da economia é irrigada, enquanto o restante fica à míngua?

Como num campo fértil, a área favorecida vai florescer exuberantemente, mas o resto seca e a colheita total diminui. É exatamente isso o que ocorre em países que, como o Brasil, permitem a concentração extrema de riqueza. No final, queira você goste ou não, os números teimam em mostrar que mais desigualdade hoje significa menos crescimento amanhã.

Nos anos 1990, Torsten Persson e Guido Tabellini, assim como Alberto Alesina e Dani Rodrik, já haviam identificado uma correlação negativa entre desigualdade e crescimento. Relatórios posteriores do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvi-

mento Econômico (OCDE) reforçaram a conclusão de que sociedades mais igualitárias crescem mais, crescem por mais tempo e crescem de forma mais estável.

O influente estudo "Redistribution, Inequality, and Growth" (2014), do FMI, mostrou que sociedades mais desiguais crescem menos e que redistribuir renda não atrapalha o crescimento, podendo até fortalecê-lo.

Um ano depois, outro trabalho do próprio FMI ("Causes and Consequences of Income Inequality: A Global Perspective") quantificou o efeito. Se os 20% mais ricos capturam 1 ponto percentual a mais da renda, o PIB per capita cai, em média, 0,08 ponto per-

centual ao ano. Já quando esse mesmo ponto percentual vai para os 20% mais pobres, o crescimento sobe 0,38 ponto percentual.

A OCDE também estimou o preço da desigualdade para o crescimento. No relatório "In It Together: Why Less Inequality Benefits All", de 2015, com base em 19 países, calculou que entre 1990 e 2010 o PIB per capita cresceu 28%, mas teria alcançado 33% se a desigualdade não tivesse aumentado depois de 1985. Em outras palavras, cinco pontos percentuais de crescimento foram sacrificados em nome da concentração de renda.

Já Markus Brueckner e Daniel Lederman, em um estudo do Ban-

co Mundial publicado em 2018, estimaram que, em países de renda média, como é o caso brasileiro, cada aumento de um ponto no coeficiente de Gini pode reduzir em mais de 1 ponto percentual o crescimento do PIB per capita em cinco anos.

Perceba que, no fim, a concentração de riqueza nas mãos de alguns poucos pode até erguer alguns castelos, contudo, no longo prazo, não sustenta civilizações. O crescimento sólido acontece quando a sociedade inteira participa, investe e colhe os frutos. Ignorar essa lição da história é condenar o futuro desses próprios castelos construídos em terrenos áridos.

escala

App Banrisul

Moderno mesmo é facilitar a vida.

Baixa o app e abre tua conta.

banrisul

Cotribá vende ativos e terá novo CEO para enfrentar crise financeira

AGRONEGÓCIO

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Com sede em Ibirubá, no norte gaúcho, a Cooperativa Agrícola Mista General Osório (Cotribá) atravessa um período delicado em sua trajetória centenária. Produtores associados relatam atrasos nos pagamentos da venda de soja desde maio e confirmam que parte dos compromissos vem sendo quitada apenas de forma parcelada, à medida que a entidade se desfaz de ativos como armazéns e postos de combustíveis. Apesar das dificuldades, ainda prevalece a expectativa de que os valores serão pagos, em um processo que deve exigir tempo e ajustes internos.

Dados fiscais recentes da própria Cotribá sustentam o cenário de atenção sobre a liquidez da cooperativa. Segundo o balanço auditado de 2024, o patrimônio líquido consolidado caiu de R\$ 237,7 milhões em 2023 para R\$ 174,5 milhões, enquanto o auditor fez ressalva sobre a classificação de dívidas de curto

prazo, indicando que algumas obrigações podem estar subavaliadas.

A Cotribá reúne 9,5 mil associados, 1,4 mil funcionários e mais de 30 mil clientes, movimentando negócios que vão de armazenagem de grãos a supermercados, postos

A Cotribá em números

▶ **Fundação:** 1911, em Ibirubá (RS)

▶ **Associados:** 9,5 mil

▶ **Funcionários:** 1,4 mil

▶ **Clientes ativos:** 31 mil

▶ **Estrutura:** 29 unidades de armazenagem, 25 lojas agropecuárias, 5 postos de combustíveis, 4 supermercados, 1 indústria de rações e 1 centro comercial

▶ **Situação financeira:** estimados R\$ 100 milhões em dívidas com vencimento no curto prazo

▶ **Movimento recente:** venda de postos de combustíveis e unidades de recebimento de grãos para recompor o caixa

▶ **Gestão:** criação de Comitê de Reestruturação e contratação do primeiro CEO, Luís Felipe Maldaner, ex-executivo do Banco do Brasil e do Badesul

de combustíveis e indústria de rações. O tamanho da operação ajuda a dimensionar a relevância do momento vivido pela cooperativa, que já anunciou a criação de um comitê de reestruturação e a contratação de um novo executivo para conduzir mudanças na gestão.

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibirubá e produtor de grãos, Leonir Fior confirma ter valores a receber da cooperativa. Ele afirma que recebeu parte do valor referente à produção entregue no início do ano, mas que os pagamentos ficaram irregulares a partir de maio. "Eu mesmo tenho produto a receber. Sei que vou receber, mas o problema é que o agricultor precisa do recurso agora para fazer a próxima safra", relatou. Segundo ele, praticamente todos os associados do sindicato local também mantêm negócios com a Cotribá e têm buscado orientação.

A dificuldade financeira está relacionada, em parte, ao modelo de custeio das lavouras. Muitos produtores que já não dispõem de limite de crédito bancário recorrem à cooperativa para financiar insumos. A liquidação das dívidas se

dá por meio da entrega da produção, mas sucessivas frustrações de safra na região - com excesso de chuvas em um ciclo e estiagens nos anos seguintes - comprometeram a capacidade de retorno, descapitalizando a Cotribá.

Para recompor o caixa, a cooperativa iniciou a venda de patrimônio. Nos últimos 40 dias, confirmou a negociação de postos de combustíveis e de unidades de recebimento de grãos. Fontes do setor indicam que novas alienações estão em estudo. Produtores ouvidos pela reportagem afirmam que a dívida com associados é "expres-

siva", mas reforçam não haver temor de calote, e sim preocupação com o ritmo dos pagamentos.

Em meio ao processo, a Cotribá anunciou a contratação de Luís Felipe Maldaner como seu primeiro CEO. Ex-executivo do Banco do Brasil e do Badesul, ele foi escolhido para liderar a reestruturação. Maldaner atendeu à reportagem por telefone enquanto retornava de carro ao Rio Grande do Sul para assumir a função. Ele disse, porém, que não comentaria números ou diagnósticos antes de conhecer os detalhes internos, mas reconheceu a existência de uma situação delicada.

COTRIBÁ/DIVULGAÇÃO/JC



Dificuldade teria origem na descapitalização de produtores